



O Visconde e a formiga Entrevista | Sérgio Medeiros a Douglas Diegues

Douglas Dieguesⁱ

Tradução de Vicente Masipⁱⁱ (UFPE)

O livro “A formiga-leão e outros animais na Guerra do Paraguai” foi publicado em agosto de 2015 pela editora Iluminuras de São Paulo. Foi finalista do Prêmio Rio de Literatura (Fundação Cesgranrio/Secretaria de Estado de Cultura) em 2016. Em julho de 2016, o suplemento cultural do jornal “ABCcolor”, de Assunção, Paraguai, dedicou suas páginas a dois pesquisadores brasileiros que estavam estudando a Guerra da Tríplice Aliança: Mário Maestri, historiador, e Sérgio Medeiros, crítico literário. Como Medeiros havia lançado recentemente o seu ensaio sobre o papel dos animais na referida guerra, usando os textos que o Visconde de Taunay escrevera sobre o tema, o jornal paraguaio optou por publicar uma entrevista com ele. Coube a Douglas Diegues conduzir a entrevista, propondo-lhe algumas questões por escrito, a que respondeu também por escrito. Suas respostas foram publicadas na íntegra no suplemento do jornal¹. Essa entrevista está sendo agora publicada pela primeira vez em português.

Em abril de 1865, o jovem tenente de engenheiros Alfredo d’Escagnolle Taunay (1843-1899) uniu-se à expedição do exército imperial ao Paraguai. Fecundo escritor, o Visconde de Taunay (ora como ele próprio, ora como um dos seus muitos heterônimos – Carmontaigne, Múcio Scoevola, Eugênio de Melo, Sílvio Dinarte, Heitor Malheiros, Flávio Elísio, Anapurus...– deixou testemunhos da Guerra da Tríplice Aliança tão célebres como *La Retraite de la Laguna* (1872), e falou também dos animais presentes na contenda, aspecto de

¹ <http://www.abc.com.py/edicion-impresa/suplementos/cultural/el-vizconde-y-la-hormiga-1503968.html>

sua obra ao qual Sergio Medeiros, que conversa sobre essa zoologia bélica, e muito mais, com o poeta Douglas Diegues, acaba de dedicar seu último ensaio.

Tradutor, ensaísta, professor da Universidade Federal de Santa Catarina e um dos poetas mais originais do Brasil, Sérgio Medeiros publicou em agosto o livro *A formiga-leão e outros animais na Guerra do Paraguai* (Illuminuras, 2015), fruto de leituras científicas, e também delirantes, da obra do Visconde de Taunay, analisadas com ferramentas da teoria literária, literatura comparada, história e um humor selvagem lewiscarrolliano. Conversamos com Sérgio Medeiros sobre esse novo livro para o Suplemento Cultural.

Seu novo livro tem como eixo o encontro de Taunay e a formiga-leão....

Sim. Reúne um ensaio meu e dois textos do Visconde de Taunay que narram sua viagem do Rio de Janeiro à fronteira com o Paraguai em 1865, ao começo da Guerra Grande. Nesses textos de Taunay são muito importantes os animais: peixes, ofídios, insetos... Quase não menciona os soldados paraguaios, naquele momento ainda invisíveis; Taunay podia, como engenheiro militar, perceber seus rastros, mas não vê-los; então, dedicou-se a observar e descrever a natureza. Na diminuta formiga-leão reconheceu de imediato uma grande engenharia militar cuja estratégia merecia elogios; tornou-se para ele mais importante do que os seres humanos. Essa estratégia, de certo modo, preparou o Visconde para o encontro, meses depois, com os paraguaios, ao lhe sugerir um modelo de soldado, uma ideia de guerreiro da qual carecia, pois não havia ainda combates naquela área e as únicas batalhas que podia presenciar aconteciam entre a formiga-leão e suas presas. No meu ensaio analiso isso e o papel dos animais nas guerras, antigas e modernas.

A formiga-leão foi a máquina de guerra que mais impactou Taunay...

É ambíguo ao se referir à formiga-leão; escreve que é uma guerreira admirável, mas também de uma crueldade e astúcia assassinas. Mais adiante, encontra uma sucre adulta e ordena que a aniquilem. Temerosos da reação da víbora, os soldados preferem se distanciar e deixá-la em paz. A sucre é também um modelo, não de

soldado, mas de batalhão: é a longa coluna que, sem mapas confiáveis, meio perdida, arrasta-se pelos confins do Império. Depois da diminuta formiga, Taunay descreve a maior serpente da América do Sul. Interessava ao engenheiro militar tanto o ínfimo quanto o enorme, tanto o cavalo quanto o piolho. No meu ensaio, os animais da Guerra do Paraguai dialogam com os de outras guerras. Levo, por exemplo, a formiga-leão até a Segunda Guerra Mundial, na qual se praticou, *ato sensu*, a ocultação de cadáveres (tática que Taunay associa com a criminalidade desse inseto, em certo modo admirável).

O testemunho de Taunay sobre a Guerra Grande está geralmente esquecido....

Porém, que eu saiba, nenhum outro escritor brasileiro falou dos animais na guerra; é dele esse mérito, a capacidade de mudar radicalmente a perspectiva do relato histórico; essa é a sua atualidade. E, além da flora e da fauna, descreve seus superiores com liberdade, outro traço ousado desses textos sobre a guerra. Em Campinas, por exemplo, os militares viviam de festa em festa. Ninguém queria aquela guerra, nem o Visconde. Ele desejava conhecer o país, como deixa registrado por escrito; e se familiariza de tal modo com os animais dessa região que, ao narrar a guerra, narra-a com eles, mostrando, por exemplo, como serpentes e soldados se relacionavam durante o combate.

¿O que nos pode dizer sobre a Guerra Grande o testemunho de Taunay?

A retirada de *La Laguna* narra um episódio menor da Guerra Grande; esse episódio, porém, revela todo o sofrimento que aquela guerra causou aos brasileiros e paraguaios. Nem a formiga-leão nem a sucuri figuram nesse livro, mas lhes dedica vários capítulos nas suas Memórias. Pouco antes do fim da guerra, o Visconde foi a Assunção e assistiu à destruição do Paraguai. Tudo isso está minuciosamente descrito nas Memórias e em notas dispersas, recopiladas postumamente em livros. Taunay traçou um vasto panorama da guerra, incluindo episódios menores e maiores, mas todos cruciais, a meu modo de ver, para entendê-la. Retrato os chefes militares

brasileiros com um olhar crítico, e os animais, com interesse e simpatia. Talvez somente os escritores possam fazer isso. A abordagem dos historiadores acadêmicos é diferente. Na *Contravida*, de Augusto Roa Bastos, há uma grande serpente mítica, a mesma *sucre* que Taunay encontrou na fronteira, mas com um conteúdo simbólico mais amplo. Disso falo no meu ensaio.

Com obras que têm a Guerra Grande e a paisagem fronteira como tema e pano de fundo, Taunay parece anunciar a literatura da fronteira do Brasil e Paraguai....

Taunay vê a fronteira, acho eu, como um rio que divide ou uma longa serpente que corta o caminho; cruzam-se os rios e pula-se sobre as serpentes. Da sua perspectiva, a fronteira é um lugar paradisíaco e infernal ao mesmo tempo. Na fronteira, todos – animais, brancos, índios – tocam-se. Obviamente, durante a guerra, os paraguaios eram inimigos, mas em circunstâncias distintas fariam parte do mundo fronteiro que o Visconde vislumbrou e estariam integrados nele, porque a fronteira é um mundo de contatos imprevistos que geram estranhas comunidades. Taunay falou muito bem a respeito disso, e o melhor exemplo talvez seja seu longo diálogo com a formiga-leão. Esse tipo de contato é particularmente importante na fronteira, onde as diferenças são admitidas e negadas ao mesmo tempo.

Também Machado de Assis foi contemporâneo da Guerra Grande, mas não parece ter-se interessado...

A literatura brasileira só tratou dessa guerra *en passant* ou indiretamente. Taunay, como exceção, fez dela um tema literário relevante. A retirada de *La Laguna* é um grande livro, não só o testemunho de um militar, y suas Memórias estão cheias de páginas de enorme valor literário. Seus escritos são o ponto de partida para discutir a presença da Guerra do Paraguai na literatura brasileira.

As críticas ao Conde D'Eu em suas Memórias demonstram que Taunay era implacável....

Sua veia crítica era tão aguçada que teve que dar baixa do exército, instituição que não admite que engenheiros militares critiquem comandos superiores. Foi muito lúcido ao avaliar o papel do exército na época imperial (e, depois, na republicana), com suas virtudes e seus defeitos; ao que parece, observou mais estes que aquelas... Foi muito crítico com o Conde D'Eu, comandante em chefe das forças brasileiras no período final da guerra; ser secretário dele não impediu o jovem Taunay de pintar nas suas Memórias de modo nada favorável esse «nobre deselegante». Assim era o escritor militar, ou o militar escritor: feroz ao empunhar a pena.

Taunay se apaixonou por uma índia *guaná*. Como o senhor considera a relação do Visconde com os indígenas?

Nunca houve no Brasil um diálogo com os povos indígenas sem equivocos nem conflitos, e também Taunay parece dividido: ora mostra interesse por essas culturas autóctones, ora às despreza como inaceitáveis ou primitivas. Em todo caso, foi um etnógrafo aplicado e reuniu todo um vocabulário de termos indígenas. Na fronteira, o Visconde conviveu com etnias nativas, apaixonou-se por uma *guaná* de nome Antonia e foram amantes. Recreou-o na sua novela *Irece la guaná*. Se na fronteira há barreiras, podem ser atravessadas. Por isso, toda fronteira é porosa; por isso, no mundo fronteiro, um cortesão não refreia sua paixão por uma *guaná*.

ⁱ **Douglas Diegues** é um poeta e editor brasileiro que colabora na imprensa paraguaia. Teórico e praticante do “portunhol selvagem” (mescla anárquica de línguas), usa comumente como língua de expressão tanto o português quanto o espanhol. Sérgio Medeiros é poeta, ensaísta e tradutor. Leciona literatura na Universidade Federal de Santa Catarina. Organizou a nova edição das “Memórias” do Visconde de Taunay e traduziu, com Gordon Brotherston, a poema maia “Popol Vuh”. Escreveu, entre outros livros, “Totens” e “O choro da aranha etc.”

ⁱⁱ **Vicente Masip Viciano** nasceu em Carcaixent (Valencia, Espanha), em 1947. Nos últimos anos, tem publicado as seguintes obras: *Gramática de português como língua estrangeira* (São Paulo: E.P.U. 2000), *História da filosofia ocidental* (São Paulo:

E.P.U. 2001), *Fonología y ortografía españolas* (Recife: Sociedade Cultural Brasil-Espanha / Bagaço: 2001), *Latim instrumental*. (Recife: AECI / Bagaço. 2002), *Manual de poesía española y portuguesa* (Recife, AECI / Bagaço. 2002), *Ética, caráter e personalidade* (São Paulo: E.P.U. 2002), *Gramática histórica portuguesa e espanhola* (São Paulo: E.P.U. 2003), *Semântica. Curso-oficina sobre sentido e referência* (São Paulo: E.P.U. 2003). *Nietzsche, no limiar do século XXI* (São Paulo: E.P.U. 2003). *Español avanzado para brasileños* (Recife: Bagaço, 2003), *La enseñanza sistemática de español mediante textos* (Recife: Bagaço, 2005). *Acércate al mundo hispánico* (Recife: Bagaço, 2007), *Modelos semânticos integrados* (Recife: Bagaço, 2007), *Manual introdutório ao grego clássico para falantes de português* (Recife: EDUFPE, 2008). *Manual introdutório ao hebraico bíblico para falantes de português* (Recife: EDUFPE, 2009), *Gramática española para brasileños* (São Paulo: Parábola, 2010), *Gramática sucinta de português* (Rio: GEN/LTC, 2012), *Fundamentos lógicos da interpretação de textos e da argumentação* (Rio: GEN/LTC, 2012), *Manual introdutório ao árabe clássico para falantes de português* (Recife: EDUFPE, 2013) e *Fonologia, fonética e ortografia portuguesas* (Rio: GEN/LTC, 2014).